

GRACILIANO RAMOS E A CONQUISTA DE UM ESTILO

João DÉCIO*

Na luta gigantesca e desigual com e contra as palavras para a representação do real, no romance, Graciliano Ramos, começa com *Caetés* (RAMOS, 1975b), realiza em seguida *São Bernardo* (RAMOS, 1975c) e *Angústia* (RAMOS, 1975a) e conclui com *Vidas Secas*. (RAMOS, 1975d) É uma luta quase impossível na conquista de um estilo, por via de uma linguagem descarnada, enxuta, procurando conter apenas o essencial.

Num discurso romanesco que conscientemente se preocupa com o processo de criação, as dificuldades encontradas pela frente, já comparecem claramente manifestas no início de *São Bernardo*. (RAMOS, 1975c)

Tendo como ponto de partida o nordeste, muito especialmente a região de Alagoas, revelando um nunca negado regionalismo, Graciliano Ramos vai alçar vôo para uma visão e revelação moderna e principalmente universal dos dramas do ser e dos seres. Na ordem de criação das personagens, ficção, imaginação, memória e observação são cuidadosamente dosadas.

Convocando todos esses elementos, o romancista consegue associar intimamente duas direções fundamentais, o regionalismo e o universalismo, passando de uma fase de tensão entre o eu e o social até atingir uma funda visão intimista das personagens e do mundo, conforme lembra Alfredo Bosi:

Estamos no limite entre o romance de tensão crítica e o romance intimista. De um lado, a brutalidade da linguagem que degrada os objetos do cotidiano, avilta o rosto contemplado e cria uma

* Docente aposentado da FCL - UNESP - Assis e professor participante do Programa de Pós-Graduação

atmosfera de mau-humor e de pesadelo; de outro, a auto-análise, a "parada" que significa o esforço de compreender e de dizer a própria consciência. (BÖSI, 1970, p. 453)

Nessa escalada para tentar entender e dizer o mundo, temos sempre o romancista a sondar os desvãos mais profundos e misteriosos do ser, na fixação dos recalques, frustrações e obsessões das principais personagens, nomeadamente em *São Bernardo* (RAMOS, 1975c) e *Angústia* (RAMOS, 1975a). No encontro com as idéias de Freud, partiu para o aprofundamento de aspectos do inconsciente e do subconsciente, do que se origina uma atmosfera de sonho mas principalmente de pesadelos e alucinações a presidir os momentos mais expressivos daqueles dois romances.

Usando do nordeste para através dele conquistar uma visão universal do mundo, Graciliano Ramos não precisaria dele para ser um romancista, ou melhor dizendo, foi um grande ficcionista, apesar do nordeste, visto que os elementos regionais serviram tão somente do início da escalada para atingir esferas mais altas e profundas. Nesta ordem de idéias, numa visão descendente, salvo melhor juízo, comparecem *Angústia*, (RAMOS, 1975a) *São Bernardo*, (RAMOS, 1975c) *Vidas Secas* (RAMOS, 1975d) e *Caetés* (RAMOS, 1975b)

A história de *Angústia* (RAMOS, 1975a) é enxuta, descarnada e desataviada: Luís da Silva, narrador-protagonista em primeira pessoa, é um humilde funcionário público com vida rotineira e descendente de pobres lavradores da terra. Apaixona-se perdidamente por Marina, numa atração mais física do que afetiva. Vê-se preterido por Julião Tavares, no desejo de casamento com a amada e levado pelo ciúme e pela vingança, Luís da Silva vem a assassinar o rival, numa das cenas mais dantescas e dramáticas de todo o romance:

Tudo isso é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. (RAMOS, 1975a, p. 182 - 183)

Voltando um pouco, nesta altura, na cronologia da obra de Graciliano Ramos, se *Caetés* é ainda um exercício literário com visível influência e encontro de Eça de Queirós, com *São Bernardo* (RAMOS, 1975c) começa a grande luta com e contra as palavras, para representar o real, na criação de uma linguagem especial e um inconfundível estilo. Desde o início, o romance em questão apresenta a grande dificuldade em escrever a escrita de uma aventura que é a aventura de uma escrita. Paulo Honório, homem pouco letrado, sentindo-se limitado para escrever a história, da qual será o narrador-protagonista, convoca o auxílio dos companheiros mais próximos:

Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (RAMOS, 1975c, p. 7)

A narrativa mostra a trajetória de um herói(ou anti-herói?) problemático num mundo degradado como lembrou um crítico. Fixa os recalques, as obsessões, as frustrações de Paulo Honório, muito especialmente depois de sua ligação com Madalena e também com as demais personagens do romance. O personagem-narrador e protagonista de *São Bernardo* (RAMOS, 1975c) vai malograr em todos os sentidos, em razão de alguns aspectos negativos de caráter: ciúme, inveja, orgulho, espírito de vingança e mesmo por atos criminosos, como por exemplo, o assassinato de seu vizinho de fazenda, Mendonça.

Os mesmos defeitos morais e afetivos apresenta Luís da Silva, protagonista-narrador de *Angústia*, (RAMOS, 1975a) a quem se acrescenta o aspecto de ser um neurótico obsessivo-compulsivo, facilmente verificável no seu ritual de purificação, nos repetidos atos de lavar as mãos. A isto se acrescenta outro dado da neurose: a constante referência do narrador aos aspectos de sujeira e falta de higiene. Tudo isso provoca em Luís da Silva (como acontece também com Paulo Honório) uma forte dose de agressividade, descarregada nos fortes atos homicidas de ambas personagens.

Passando a *Vidas Secas*, (RAMOS, 1975d) observamos que a baixa qualidade de vida das personagens impõe ainda mais

o enxugamento do discurso de Graciliano Ramos. Fabiano, Sinhá Vitória e os dois filhos apresentam-se desumanizados no ambiente seco e agreste da caatinga. Não têm como e com o quê viver e portanto pouco necessitam falar. Essa desumanização ou mesmo animalização que os aproximam e os nivelam com a cachorra Baleia, fazem com que Fabiano e Sinhá Vitória falem o menos possível ora com frases curtas, ora com verdadeiros grunhidos. Chega ao ápice o enxugamento do discurso de Graciliano Ramos. Não se precisa mais da palavra, nem da linguagem.

Em síntese e em conclusão, no processo de luta com e contra as palavras, para realizar a quase impossível representação do real, com *Caetés* (RAMOS, 1975b) temos ainda um livro palavroso, há um derramamento de frases para expressar pensamentos, sentimentos e sensações. Em *São Bernardo* (RAMOS, 1975c), as personagens vão se tomando mais fechadas, mais introvertidas, fala-se menos, o estritamente necessário. Em *Angústia* (RAMOS, 1975a), acontece um constante repetir de frases e palavras, muitas de baixo-calão, para que o protagonista, um neurótico, obsessivo possa exorcizar os fantasmas. Em *Vidas Secas* (RAMOS, 1975a), finalmente, personagens quase animalizados, não têm e mesmo não sabem o que falar, pois aprenderam a viver num plano de obediência e opressão que as leva a somente tartamudear monossílabos ou pronunciar brevíssimas palavras.

Confirma-se assim, no discurso romanesco de Graciliano Ramos, uma verdadeira tortura na conquista de uma linguagem e ainda mais, de um estilo, que continua a nos atrair e a nos fascinar irresistivelmente, na realização de uma ficção ainda hoje, intensamente viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. - *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- MOISÉS, M. - *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.
- MOISÉS, M.; PAES, J. P. (Org.) *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- MONTEIRO, A. C. *O romance: Teoria e Crítica*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
- RAMOS, G. *Angustia*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Martins, 1975a.
- RAMOS, G. *São Bernardo*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Martins, 1975c.
- RAMOS, G. *Vidas Secas*. 34ª ed. Rio de Janeiro: Martins, 1975d.